

Que sociedade da informação e do conhecimento?

What information and knowledge society?

Maria Lucia Maciel

Sarita Albagli

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia como principais forças produtivas no mundo contemporâneo revela o potencial transformador do conhecimento. Mais do que sua acumulação quantitativa, é a transformação *qualitativa* que sugere novas perspectivas para o desenvolvimento social e econômico.

A revolução científico-tecnológica gera ao mesmo tempo novas formas de produção da vida material – transformando suas relações – e novas formas de produção do próprio conhecimento¹. As relações dinâmicas ativadas pela atual revolução científico-tecnológica colocam em cena questões e atores até então desconhecidos, redefinem muitos dos tradicionais e tornam superados uns tantos outros.

As diversas formas que toma a crise atual (desemprego estrutural, desaceleração da produtividade, crise de valores) resultam, por um lado, de descompassos entre transformações na base econômica e tecnológica e formas de organização sociais e político-institucionais; e, de outro, do conflito de interesses, visões e perspectivas dos diferentes atores sobre que alternativas e estratégias econômicas, tecnológicas e sociais adotar. Em todo caso, passa a ser um elemento chave, para a inserção positiva no novo cenário, a capacidade de inovação tecnológica e social - de um país, de uma região, de uma comunidade.

As transformações imateriais que se operam tanto na produção material quanto na produção imaterial terminam por trazer no seu bojo a mudança social – daí a possibilidade de desenvolvimento.

Este é o quadro geral de transformações contemporâneas que ainda carece de discussões e análises e de uma reflexão mais aprofundada. Foi o quadro que nos instigou a chamar diversos especialistas para debater o significado dos termos “sociedade da informação” e “sociedade do conhecimento” para os países em desenvolvimento ou “semiperiféricos”, no seminário internacional *Desenvolvimento em questão: que sociedade da informação e do conhecimento?* realizado pelo *Liinc* em agosto-setembro de 2006.²

¹GIBBONS, Michael et al. *The new production of knowledge: the dynamics of science and research in the contemporary societies*. Londres: Sage, 1994.

² Agradecemos o apoio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IbiCT, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro – Faperj, da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep, do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF.

Foi uma experiência riquíssima, em que se abriram novas pistas para pensarmos essa problemática, principalmente seus desdobramentos e especificidades no nosso continente, e se vislumbraram possíveis caminhos de ação social e política.

Este número da revista procura apresentar uma síntese dos debates naqueles três dias. Embora seja impossível reproduzir toda a riqueza e a complexidade da discussão “ao vivo”, estão aqui algumas questões chave e tentativas de respostas que certamente contribuem para avançar neste debate e nas estratégias sociais e políticas que nos são mais adequadas.

O artigo de Sarita Albagli faz um apanhado das principais colocações sobre o tema informação, conhecimento e inovação no seminário – aspectos epistemológicos, políticos, institucionais e territoriais - com base nas apresentações de Maria Nélide González de Gómez, Helena M.M. Lastres, Bertha Becker, Gustavo Lins Ribeiro e Carlos Afonso Pereira e Souza.

Maria Lucia Maciel reuniu as intervenções de Saskia Sassen, Hernan Galperin e Luis Alberto Quevedo para discutir os desafios que se nos colocam hoje (como estudiosos e como atores sociais), principalmente em termos dos usos que são feitos da rede mundial de computadores conectados, no espaço entre a tecnologia e o usuário, mostrando as contradições inerentes ao sistema que podem gerar mudança social.

A mesa redonda coordenada por Maíra Baumgarten no seminário é aqui relatada por ela, destacando os aspectos geo-políticos da distribuição/concentração do conhecimento, dando conta do debate substantivo e instigante com Fernando Barros e Thiago Pereira dos Santos.

César Bolaño apresenta os argumentos seus e de seus companheiros de mesa, Ruy Braga e Alain Herscovivi, quanto à necessidade de se retomar e repensar a teoria marxista clássica à luz das transformações contemporâneas no modo de produção.

Parece-nos relevante destacar que, embora não se possam tirar “conclusões” sobre um debate que ainda estará na mesa por algum tempo, foram indicados caminhos não só para pensar mas também para agir (ou *fazer*, como insistiria Saskia Sassen) sobre uma realidade extremamente complexa e mutante, com instrumentos metodológicos criativos e apropriados ao nosso mundo.